MARIA ESTEPHÂNIA NOGUEIRA: O BREVE DESCOMUNAL DE UMA POETISA RECIFENSE

Beatriz Bianca Barbosa da Silva
(Graduanda em História - UNICAP)
beatrizbianca98@hotmail.com

Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral
(Docente do Curso de História - UNICAP)
walterdoc@gmail.com

Resumo: A poesia é usada como forma de expressão, ou uma forma de transgressão do que o poeta quer transmitir do real e do imaginado. Sua forma de linguagem e sentimentos transcritos em palavras nos faz perceber que o ato de criar, leva consigo o descobrimento do nosso próprio ser. Maria Esthephânia Nogueira transmite essa busca do próprio ser na sua obra, das coisas simples e conjuntamente grandiosas no que se refere à admiração de uma poesia breve, e de modo simultâneo, intensa. A poetisa recifense, nascida na década de 1930, licenciada em Letras Anglo-Germânicas na UFPE se tornou professora do nível universitário em inglês e Literatura Americana, tendo publicado mais de 8 livros e diversas resenhas críticas, literárias e entrevistas no Diário de Pernambuco em 1979. Em junho de 1994 ocupou a cadeira de n° 26 na Academia Pernambucana de Letras. Os principais temas de sua poesia abordavam: afetividade, tempo e vida, sendo perceptível que esses temas mexem com a inquietude, traço marcante na personalidade da escritora. Como referencial teórico, utilizamos o estudo sobre a escrita da história das mulheres, da historiadora Joan Scott.

Palavras- chaves: Relações de gênero. Biografia. Intelectuais.



Figura 1: Maria Estephânia Nogueira na Academia Pernambucana de Letras.
Fonte: Arquivo da Academia Pernambucana de Letras.

Primeiras considerações

Entende-se como poesia toda forma de expressão usada para transgredir um movimento, que se inicia, amiúde, de dentro para fora. Escritas que são próprias das sensações de cada autor ou autora. Cada ser humano tem uma personalidade em potencial, histórias dos seus momentos, e escritas no seu momento. E com isso, carregam consigo versos que transmitem particularidades que os levam a pensar e evoluir na busca constante que todos nós traçamos, na indagação do ser. A história da imortal da Academia Pernambucana de Letras, Maria Estephânia Nogueira, como centro de análise nesse trabalho, nos fez repensar em vários aspectos que remontam o pensamento sobre mulheres intelectuais e o quão grandiosas são suas obras.

De acordo com a historiadora Joan Scott: ‘‘As limitações de uma história das mulheres sempre se mostraram evidentes’’ (SCOTT, in: SENKEVICS, 2011). Dessa forma, as mulheres são prejudicadas, enquanto categoria, pelo esquecimento das suas obras, exemplos disso são seus escritos, suas pinturas, seu modo de como interpretar, permanecendo muitas vezes à margem e perdendo seu local de fala e relevância apenas por serem mulheres, fazendo com que elas sejam, em grande parte esquecidas por esses feitos que são de grande significância. Ao nos depararmos com a dificuldade de encontrar uma documentação e vestígios sobre a história de vida de Estephânia e, ao percebermos que, a mesma não teve sua história tão divulgada, trabalhar com tal escassez de documentação, nos coloca na perspectiva de tentar desenvolver a sua biografia, através da ótica da história das mulheres, visto que, tal invisibilidade se apresenta para nós como uma problemática a ser analisada. A vida e obras literárias dessa escritora, que se imortalizou na Academia Pernambucana de Letras, realmente foi esquecida e/ou invisibilizada pela sociedade pernambucana, quer seja ela acadêmica ou não. Isso posto, objetivamos resgatar os meios que levaram seus feitos a serem tão desconhecidos pelo grande público, e de como, o espaço ao seu redor e seus traumas pessoais influenciaram na sua personalidade e, nesse caso, na escrita de seus textos e poesias.

Consoante ao pensamento da historiadora Verena Alberti, que nos afirma: ‘‘A história oral permite o registro de testemunhas e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado’’

(2008, p. 155). Acreditamos que, tal assertiva que da voz à importante função das fontes orais nesta pesquisa, nos faça caminhar por outros modos de visualizar e reconstruir momentos/acontecimentos, uma visão de situações jamais narradas e escritas no passado ou no presente, de modo que tal recurso faz-se o subsídio das construções e analises. Além disso, o uso dessa ferramenta da história nesse trabalho foi um novo desafio para nós, pois ouvir, analisar, entender os diálogos nos fez perceber a história como um leque de possibilidades a serem discutidas e vislumbradas e se tornou uma das fontes mais importantes nesse estudo.

Traços biográficos de uma imortal: a infância

Maria Estephânia Nogueira nasceu no dia 10 de setembro de 1922, no bairro de Areias no Recife, filha de Luiz Camara Nogueira e Edith Câmara Nogueira, proprietários de um cartório, teve duas irmãs (Jandira e Nena) e dois irmãos (José e Jayme); o seu nome foi escolhido pelos seus pais para homenagear a sua avó materna, que também se chamava Maria Estephânia. Ela teve uma infância bastante conturbada, pois seu pai faleceu em 1924, devido as complicações de uma tifo, quando ela tinha apenas dois anos de idade. Com isso, sua mãe teve que se mudar da capital pernambucana para a fazenda Fortaleza, localizada no município de Altinho, residência de seus pais, José Camara, engenheiro de estradas de ferro, e Maria Estephanea Albuquerque, dona de casa. Embora, toda situação apontasse para a angustia de Edith como mãe, em criar cinco filhos sozinha, ela nunca se deixou amortizar, era uma mulher forte e decidida, e estaria agora, encarando um novo momento em sua vida, um momento de liberdade. Porém, não demoraria muito a permanecer esse sentimento, como afirmou Clotilde Camara, sua irmã:

> Edith era forte, corajosa, superou muito bem a falta do marido e já fazia planos arrojados de viver por si, em sua própria casa, com liberdade de ação, criando os filhos a seu modo, já que agora não tinha mais ninguém a quem prestar contas… Era livre. Novamente o antigo sonho de liberdade, que jamais chegaria a ver realisado, porque logo, logo, se tornaria escrava dos filhos e das circunstâncias (CAMARA, 1991, p. 71).

Edith, juntamente com seus/as filhos/as, tentou viver por algum tempo na cidade de Garanhuns, onde, ainda segundo Clotilde, ela não teria se adaptado, haja

vista a carga de trabalho excessiva que só aumentava, ela trabalhava muito, costurava muito, e à medida que os meninos cresciam, o trabalho com eles dobrava (Cf.: CAMARA, 1991). Estephanea sua mãe, sempre lhe ajudava no que podia, e nesse meio tempo sua empregada Maria, que já era antiga na família estava atravessando uma crise nervosa e isso preocupava cada vez mais Edith. Ela tinha planos de retornar a cidade de Altinho, para recomeçar a vida, tentar esquecer o luto, se reanimar, mais só faria isso se estivesse perto de sua mãe e mais próxima à sua família, sentia-se muito solitária em Garanhuns; os filhos cresciam e a situação estava ficando cada vez mais pesada para ela enfrentar sozinha o que poderia lhe acontecer. Mas, infelizmente, antes de voltar a sua cidade natal, veio a falecer no ano de 1930, da mesma doença que seu marido. Com isso, Estephânia, agora já com 8 anos de idade, juntamente com seus/as quatro irmãos foram levados/as à fazenda Fortaleza e separados/as, ficando aos cuidados de seus tios e avós. Dos irmãos, Jayme, Estephânia e Nena permaneceram na fazenda com seus avós maternos José Camara e Estephanea Albuquerque, enquanto que Jandira foi levada por Sarah, esposa do seu tio mais velho, Umberto e, José ficou aos cuidados de Piquet, esposo de sua tia Eloisa.

Como podemos perceber, com apenas 8 anos de vida, Estephânia já sofria da angústia de muitos traumas, com a perda de seus pais e separação de seus/as irmãos e irmãs. A vida na fazenda era calma, Clotilde, irmã mais nova de Edith, que ainda jovem morava com seus pais, cuidava dos sobrinhos e sobrinhas, ensinando-os a ler e escrever, numa tentativa de amenizar e descontrair toda aquela situação de perdas que vinha acontecendo naquela família, agora situada no interior pernambucano.

Analisando toda aquela situação, Oscar Piquet, casado há anos com sua tia Eloisa Camara, ofereceu uma vida nova com várias oportunidades ao avô de Estephânia, no Estado do Ceará, uma chance de recomeçar, de tentar uma vida com outras possibilidades para ele, e para toda sua família. Mesmo conhecendo Piquet e seu modo exagerado de falar, pensou na nova família que tinha se formado, com a morte de Edith, pensou nos seus netos e resolveu abdicar da sua fazenda e do seu repouso para se aventurar com todos na capital cearense. Assim, se mudaram levando o apurado da venda dos gados e cereais da fazenda.

Chegando a Fortaleza com toda a família, o senhor José Camara sofreu uma decepção, como afirma Clotilde Camara: “Piquet, com aquele jeitão desabusado dele, disse a Papai que não sabia o que ele havia vindo fazer no Ceará, com aquela família tão grande” (CAMARA, 1991, p. 91).

O tempo em permaneceram em Fortaleza só durou um ano e meio, nesse período Estephânia e seus irmãos mais velhos se matricularam no Grupo Escolar. Enquanto isso, seu avó cuidava de instalar uma vacaria que serviria de experiência, porém não deu certo e o dinheiro trazido das vendas da fazenda estava se esgotando. Em uma das idas de Piquet a trabalho para o Rio de Janeiro, comentou com o Dr. Trajano, um antigo patrão de José Camara (avô de Estephânia), acerca da situação em que ele passava, criando três netos logo após a morte de sua filha Edith; com isso o Dr. Trajano resolveu ajuda-lo, concedendo uma pensão mensal que contribuiria na criação dos/as seus/as netos/as, sendo que a mesma seria suspensa logo que o último filho de Edith deixasse de estudar. Esse dinheiro foi de grande utilidade para a sobrevivência da família Camara naquele momento.

Pouco tempo depois, Piquet passou a declarar que deixaria o Ceará para viver no Recife. Logo, José Camara, como toda a sua família se mudaria também, a pedidos e em razão de Piquet, sua permanência no Ceará acabava por perder sentido. O primeiro pensamento de José foi retornar para Pernambuco e iniciar uma nova vida, dessa vez na cidade do Recife. Entre idas e vindas, houve um momento que toda a família foi para Garanhuns, onde procuraram uma forma mais barata de sobreviver, mas que também não deu certo. Em 1933, retornaram à cidade do Recife, e, em junho de 1934, o seu avô, José Camara, veio a falecer. Desse modo, o restante da família se mudou para outro bairro do Recife, a fim de ficar mais próxima do tio materno mais velho, Umberto. Ali viveram numa casa localizada na Rua da Glória, na qual permaneceram por treze anos.

Traços biográficos de uma imortal: a juventude

Em 1935, Estephânia passou a estudar no colégio primário, Escola Manuel Borba, posteriormente, passou a estudar na Escola Normal Oficial, conhecido atualmente pelo nome Instituto de Educação de Pernambuco, no qual concluiu todo seu ensino médio. Em 1939, a sua avó Maria Estephania, veio a falecer. Com o

tempo, a vida foi tomando seu rumo, a família foi expandindo e netos e primos foram chegando. Eloisa, uma de suas tias, casaria a sua primeira filha, Clotilde, nome dado em homenagem a sua irmã, que no futuro teve um filho que viria a ser o campeão brasileiro de Formula 1, Nelson Piquet. O tempo foi passando, e sua tia Clotilde que sempre foi muito próxima a Estephânia, via o progresso que sua sobrinha viria a fazer, como ela mesma afirmou: “Estephania terminaria o ginásio e resolveu trabalhar. Completaria os estudos posteriormente. Viria a progredir muito’’ (CAMARA, 1991, p. 122).

Os anos se passaram e, a mesma mulher, que já havia sofrido tanto na sua infância, finalmente chegou ao ensino superior. Na Universidade Federal de Pernambuco, Estephânia se formou em Licenciatura e Bacharelado no curso de Línguas Anglo-germânicas, o maior dos três ramos em que tradicionalmente se divide a família linguística, juntamente com as línguas germânicas orientais e setentrionais, e inclui idiomas como o inglês, o holandês e o alemão.

Os tempos na Rua da Glória chegariam ao fim, a sua irmã mais nova, Nena, após terminar o curso de professora, abriu o seu próprio colégio, o Instituto Domingos Sávio. Pouco depois, ela o deixou para trás, para entrar em um convento, tornando-se, futuramente, a irmã Josefina, entretanto, conseguiu recuperar a direção do Instituto, onde fixou no ensino de surdos, sendo pioneira na cidade do Recife. Ao passar do tempo, com cada vez menos pessoas na casa, o resultado foi sua colocação à venda, terminaria assim, o longo espaço de tempo de relacionamento daquela família com naquela residência.

Traços biográficos de uma imortal: a vida profissional

Depois de muito trabalho, encontraram um apartamento em um beco transversal à Rua do Paissandu, nesse momento só permaneciam no apartamento suas tias Clotilde e Batilde e a mesma, Estephânia, os irmãos já tinham seguido seu rumo, embora Otão, irmão mais novo de Batilde, sempre a ajudasse com uma valiosa mesada mensal. Foram 25 anos vividos nessa residência, que sempre acolheu várias visitas, parentes e amigos, como Clotilde afirma:

> Nos 25 anos vividos naquela casa, a nossa vida foi muito movimentada. Houve temporadas agradáveis. Hospedamos muita

> gente: parentes do Ceará, o pessoal de Eloisa e os contra-parentes. Os sobrinhos do Recife nos visitavam assiduamente. Batilde era uma ótima anfitriã, os seus hospedes nada faziam. Tinham tudo nas mãos. Não era difícil hospedar. Porque tínhamos duas empregadas – Eunice e Dina – e na garage tínhamos mais camas de lona. A noite a sala era transformada em quarto. E até na garage mesmo, muita gente dormiu (CAMARA, 1991, p. 125-126).

Até o ano de 1966, quando sofreriam o efeito de uma grande cheia, mesmo se preparando para isso, novamente, no ano de 1970, foram vítimas de outra grande cheia e pouco tempo depois decidiram procurar outro lugar para residir, se mudaram em 1975, para um apartamento localizado no Paissandú.

Após se formar em Letras, Estephânia tornou-se professora estagiária de Literatura Americana no curso Sociedade Brasil Estados Unidos, situado na cidade do Recife. No ano de 1952, ela viajou para os Estados Unidos da América na condição de *grantee* (beneficiária), sob recomendação da Sociedade Cultural Brasil Estados Unidos e do Departamento do Estado Americano, onde realizou vários estudos e pesquisas nas Universidades de Harvard e Universidade de Boston sendo qualificada com o *Certificate of proficiency in English*. Quando retornou ao Brasil, se tornou coordenadora dos cursos pedagógicos do Brasil-Estados Unidos e simultaneamente foi escritora de resenhas literárias, poesias e entrevistas para o *Diário de Pernambuco*, atividade que exerceu até o ano de 1979.

Estephânia iniciou sua carreira literária no ano de 1977, no mesmo ano em que saiu da coordenação dos cursos pedagógicos do Brasil-Estados Unidos. Sua primeira obra escrita denominada *Canto Primeiro* (1977), foi um livro de versos poéticos. No qual encontramos em um de seus versos, que o descrevemos abaixo:

> Marcam as mãos
> Sobre a mesa
> Um ritmo
> Qualquer.
> Silencio.
> Ruídos exteriores não perturbam a
> reunião familiar
> Silencio.
> Que mortos velamos ?
> Velamos o vazio da existência comum (NOGUEIRA, 1977, p. 132).

Cinco anos depois, produziu sua segunda e mais celebre obra intitulada *Meu Caminho é Outro* (1982). Nos anos que se seguiram, deu continuidade a mesma temática poética, seus principais escritos foram: *Falas de Amor e outras Falas* (1996); *Qual é o seu Quadrado?*; *Tempo de Busca* (1977) e, sua última obra foi *Da resenha à Crítica* (2000).

Em 03 de abril de 1989, mais uma grande perca, Batilde, uma das suas tias mais próximas, muito querida, aquela que junto a Clotilde, viveram sempre juntas a vida inteira, viria a falecer, com uma curta enfermidade que foi fatal. Uma pessoa muito doce, bondosa e forte. Em homenagem ao aniversário da tia Batilde, Estephânia escreveu o poema *Titia Batilde*, o qual descrevemos abaixo:

O efêmero da flor
É
Como o gesto
Que eterno se repete
No
Ser gente.
Ser gente que em você
Se
Fez presente
No
Doar-se a cada instante
E efêmero passou
Como
Uma flor.
Mas ficou escondido para sempre
No
Discreto carinho
Que
A tantos entregaste
Sem
Saber que era gesto
De
Deus
A
Repetir-se
No
Igual do viver
De
Cada dia (NOGUEIRA, 1982, p. 133).

No ano de 1993, onze anos depois dos seus dois primeiros livros publicados, Maria Estephânia Nogueira assinou o requerimento da inscrição para concorrer à

cadeira de n. 26 da Academia Pernambucana de Letras, até então ocupada pelo poeta e advogado Carlos Moreira, que falecera naquele ano. Eleita em 24 de janeiro de 1994, tomando posse em 14 de junho de 1994, aos 72 anos; foi saudada com o discurso de Nelson Saldanha. Nessa época, paralelo a todos esses acontecimentos da sua vida profissional, ela ainda vivia no mesmo apartamento com a tia Clotilde, no Paissandú. Tinha sua vida pessoal de modo equilibrado, sempre foi bastante calma, silenciosa não costumava sair dias de semana, realizava algumas saídas aos sábados à tarde e idas às missas no domingo pela manhã. Sempre foi assim como toda sua família, religiosa e reservada.

Traços biográficos de uma imortal: o fim da vida

Em entrevista realizada com Marinalda Maria da Silva, cuidadora de Maria Esthephânia por 35 anos, a mesma nos relatou um pouco da personalidade silenciosa, simples e secreta em que era vivido na residência da imortal, como podemos ver nos trechos abaixo:

> Ela saia aos sábados para passear, no domingo, ela sempre ia para missa, todo domingo, ela era muito católica.
> [...]
> A pessoa Estephânia era uma pessoa muito boa. Dona Estephânia nunca foi de reclamar de nada, ela sempre era assim, você pedia e ela pedia qualquer coisa pra você e ela sempre agradecia, não era uma pessoa de reclamar de nada, de nada, nada. Eu nunca levei uma reclamação de dona Clotilde e de Dona Estephania.
> [...]
> Teve seus relacionamentos em silêncio, não costumava falar sobre sua vida pessoal. A vida amorosa dela que eu cheguei a participar, era uma vida amorosa muito secreta, ela não relatava pra ninguém sobre a vida amorosa dela, ela mantinha, como ela dizia, mantinha em segredo (ENTREVISTA de Marinalva Maria da Silva, 12 dez. 2018).

Já com a saúde fragilizada, desde a morte de um relacionamento secreto, Estephânia caiu em uma severa depressão que agravou seu quadro, tomava muitos remédios controlados e passou anos com a saúde instável.

Em 2009, sua tia Clotilde, considerada como uma mãe para a poetisa, também faleceu. Estephânia, assim, ficou sozinha no apartamento sob os cuidados de Marinalva, que, nessa época, já morava no apartamento com ela. Maria

Estephânia Nogueira permaneceu na Academia Pernambucana de Letras até o ano de 2011.

Com a saúde já fragilizada há mais de 8 anos, chegou ela veio ao óbito com Sepse (complicação potencialmente fatal de uma infecção), insuficiência renal crônica e Alzheimer. Faleceu no dia 1º de junho de 2011, aos 88 anos de idade, na clínica Unimed, situada na Ilha do Leite. O seu corpo foi sepultado no cemitério de Santo Amaro, na capital pernambucana.

Considerações finais

Falar sobre mulheres se torna reconfortante, saber de suas lutas, esse duo entre sua garra e delicadeza só reafirma a força do sexo feminino. Estudar Maria Estephânia Nogueira nos fez observar mais profundamente, que essa temática muitas vezes é esquecida por grande parcela da sociedade. Além disso, nos fez sentir o doce e amargo de estudar alguém tão embora brilhante, desconhecida. Aprofundamo-nos e fomos em busca de vestígios que levassem a narrativa de trajetória, a fazer esse copilado de indícios, foi um trabalho árduo, mas compensador.

Foram momentos de questionamentos, ideias sem resolução e histórias espaçadas mais sempre com alguns fins relacionados. Desse modo, ir montando o quebra cabeças, descobrindo histórias relacionadas a ela, pessoas que a cercaram e construíram junto a ela, suas identidades nos fez refletir de como as histórias interagem com todos a nossa volta e não seria diferente com Estephânia. Observar como a sua escrita carrega traços de sua personalidade também é algo marcante na reflexão que tentamos apresentar através desses dois poemas presentes nesse artigo, situações vividas pela escritora, o uso da história como fonte oral também foi de extrema importância para podermos vislumbrar com outro olhar a trajetória dessa poetisa.

Referências

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 155-202.

CAMARA, Clotilde. *Flores e espinhos do meu caminho*: minha vida, nossa vida. Recife: [s.n.], 1991.

ENTREVISTA de Marinalva Maria da Silva, concedida a Beatriz Bianca Barbosa da Silva em 12 de dezembro de 2018.

NOGUEIRA, Estephânia. *Canto primeiro*. Recife: Sociedade Cultura Brasil-Estados Unidos, 1977.

NOGUEIRA, Estephânia. *Meu caminho é outro*. Recife: Sociedade Cultura Brasil-Estados Unidos, 1982.

SENKEVICS, Adriano. Gênero em seus usos descritivos. *Ensaios de gênero*. 2011. Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/10/22/genero-em-seus-usos-descritivos/>. Acesso em: 10 dez. 2018.